



## Caminhos terapêuticos para inclusão

Stefani Cristina Bülow<sup>1</sup> – SETREM  
Arlete Salante<sup>2</sup> – SETREM

*Eixo temático: Protagonismo responsável à vida*

**Resumo:** Este trabalho visa relatar a experiência do Estágio Específico I e II, pré-requisito para graduação em Psicologia. Realizou-se em uma Unidade de Saúde, por dois semestres, a formação e o desenvolvimento de um grupo de pessoas com diferentes tipos de deficiência. Com apoio e incentivo da Secretaria de Saúde e da Secretaria de Assistência Social, o objetivo foi proporcionar um espaço terapêutico que promovesse a socialização e o desenvolvendo habilidades técnicas básicas como a motricidade e percepção espacial. Articula-se brevemente relatos históricos sobre a deficiência, legislação, conceitos e autores que fazem referência a esses sujeitos. Entende-se que a deficiência para ocupar o lugar social dos tempos atuais teve e ainda tem muitas lutas com o preconceito, portanto é fundamental compreender a importância do convívio social e do crescimento pessoal possibilitado a essas pessoas através das vivências grupais. Toda experiência se baseou pela fundamentação Humanista, da entrevista inicial às atividades e intervenções no grupo “Caminho Suave”, manteve-se o olhar que possibilita apoiar e potencializar cada pessoa para desenvolvimento de si e o enfrentamento saudável das situações que a vida coloca. Apresenta-se alguns resultados como: melhora no desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, organização espacial, autonomia, empatia, interação social e motivação para frequentar ambientes públicos.

**Palavras-chave:** Psicologia, grupo terapêutico e deficientes.

### *Introdução*

Considerando a premissa do III Congresso Internacional - Uma Nova pedagogia para uma sociedade futura, que diz: “a primeira passagem a ser feita, para auxiliar na construção e desenvolvimento mais eficaz de nosso contexto social, é o protagonismo e a responsabilização individual de cada pequeno homem”, o presente artigo relata a experiência de um percurso dos estágios curriculares, Específicos I e II do curso de graduação em Psicologia junto a um grupo de pessoas com deficiências, formado com finalidade terapêutica e realizados junto a uma Unidade Básica de Saúde da região noroeste do Rio Grande do Sul.

Formar e desenvolver um grupo de pessoas com diferentes deficiências, como a deficiência intelectual, síndrome de Down, paralisia cerebral leve, baixa visão e cegueira, foi o foco por dois semestres de estágios que oportunizaram aprendizado e experiências relevantes.

O grupo denominado “Caminho Suave” foi uma demanda da Secretaria da Saúde e da Secretaria de Assistência Social, a iniciativa visou a atenção das secretarias com o referido público. O objetivo grupal do poder público visava dar apoio às pessoas com deficiência,

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia na Sociedade Educacional Três de Maio (SETREM). E-mail: stefani\_bulow@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora na graduação em psicologia e orientadora dos estágios realizados nesta experiência. Psicóloga e psicoterapeuta, doutoranda em Psicologia na UCES- Buenos Aires – AR. MBA Busines Intuition na Antonio Meneghetti Faculdade- Recanto Maestro- RS; Especialista em Psicologia Clínica pelo IGTB- Brasília-DF; Especialista em Política e Gestão de ONGs pela UNB- Brasília DF. E-mail: arletesalante@gmail.com.

oferecendo espaço para que possam desenvolver habilidades técnicas básicas, promover a socialização, inclusão do usuário no meio em que vive e respeitar o limite de cada pessoa.

O município onde o trabalho desenvolveu-se, possui aproximadamente 2.800 habitantes onde cerca de 1% da população apresenta algum tipo de deficiência. Conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2010) existem 45 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência.

Segundo a história das deficiências, sabe-se que para ocupar o lugar social dos tempos atuais teve e ainda tem muitas lutas com o preconceito, portanto é de extrema importância poder compreender o local que esse sujeito ocupa, dentro de grupos e no meio social (BATTESTIN, FURINI e RIGO, 2016). Diversas leis de amparo a essas pessoas surgiram após as lutas reivindicativas, principalmente quanto a inclusão, seja ela no meio educacional, trabalhista ou de sociedade. A literatura aponta para as dificuldades que a sociedade tem para lidar com pessoas deficientes. Desde os povos mais primitivos relata-se das diferentes atitudes frente às deficiências, sendo que esses sofriam variações de extremos excludentes e discriminatórios (ROSA, 2003). Essas variações se referiam a tolerância e algum tipo de proteção, a outra era a eliminação ou abandono (Rosa, 2003). Conforme o autor e estudos realizados, pode-se perceber que nesses períodos a discriminação era feita de forma cruel e a proteção somente no intuito de se aproveitar dos “benefícios” que o sujeito poderia trazer.

Sabe-se que a deficiência viveu por muito tempo as duas extremidades, que a visão que se tinha dessas pessoas era de desprezo, pois elas viviam em meio a uma sociedade onde exigia-se produção em massa, eram taxadas como incapazes de produzir algo, o que as tornavam “descartáveis” (ROSA, 2003).

O tema deste Congresso é “Responsabilidade e o Dever da pessoa”, parte-se do eixo temático ‘Protagonismo responsável à vida’, com a seguinte premissa:

“Com escopo biológico, o direito à vida é um dos aspectos fundamentais para ser pessoa, e neste caso, o dever que sustenta este direito é o dever de realizar um estilo de vida consonante à própria identidade, que priorize o cuidado da própria saúde de modo integral, contribuindo para a sanidade física, fisiológica, vital, psicológica e das relações interpessoais”.

Considerando esta compreensão fundamental, especialmente diante da história dos deficientes pelo mundo, mostra a luta destas pessoas para que atualmente haja boa vontade do poder público. Em meio a sociedade do século XXI, onde muito se fala de inclusão e do quanto se deve aproveitar as potencialidades que esses indivíduos possuem, mas efetivamente, sabe-se que pouco acontece na prática. Da experiência que segue, compreendeu-se os aspectos práticos e subjetivos que limitam ou expandem a possibilidade da pessoa com deficiência tornar-se o que é.

### ***Desenvolvimento***

A realização do estágio iniciou no primeiro semestre no ano de 2017 com a intenção de realizar atendimentos psicológicos individuais, a fim de obter experiências na área clínica da

psicologia. No entanto, ao decorrer do processo surgiu uma proposta diferente e nunca realizada naquele local: iniciar um grupo terapêutico formado por indivíduos com diferentes deficiências, que intitulou-se “Caminho Suave”. A Organização Mundial de Saúde (OMS) utiliza-se de um Manual de Classificação de 1989 para a definição de deficiência onde indica que “a deficiência caracteriza-se por perdas ou alterações que podem ser temporárias ou permanentes e que incluem a existência ou ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou outra estrutura do corpo, incluindo a função mental” (OMS, 1989, p. 56).

O processo iniciou com o apoio da Secretarias de Saúde e de Assistência Social. Buscou-se ativamente os pacientes através do prontuário do posto de saúde com o objetivo de obter informações dos indivíduos (contato, patologia, uso de medicação, tratamento, cirurgias etc.) e também no CRAS. Por ser um projeto pioneiro, diversos percalços surgiram até a formação concreta do grupo, mas todos os encaminhamentos aconteceram da melhor forma possível, respeitando-se as necessidades dos indivíduos e não ultrapassando os princípios éticos das profissões. Várias reuniões foram necessárias para dar início ao projeto precursor, incluindo a Apae de um município vizinho que os pacientes frequentavam pela manhã. Assim, através do diálogo entre as profissionais envolvidas, onde cada uma pudesse colocar a sua percepção do grupo, viu-se a necessidade de realizar atendimentos individuais com alguns integrantes. Segundo a contribuição de Vigotski em relação a deficiência intelectual, o mesmo destaca a importância da heterogeneidade do grupo, que vai além de compartilhar somente desta condição mas sim da personalidade dos sujeitos, pois é isso que fundamenta o processo de constituição subjetiva do indivíduo (Nuernberg, 2008).

O município não dispõe de Hospital, porém conta com uma Unidade Básica de Saúde localizada na sede municipal, onde são desenvolvidos vários programas, sendo prestado assistência médica, odontológica, psicológica, nutricional e de enfermagem à população usuária. A sede própria foi recentemente construída com aumento do espaço, para que suprisse as necessidades da população. A unidade conta com uma ampla sala de reuniões equipada com computador, projetor e caixa de som possibilitando desenvolver grande parte das atividades do estágio.

A triagem dos pacientes para o grupo iniciou a partir de uma entrevista individual, afim de compreender a dinâmica de cada um dos sujeitos, suas limitações, suas preferências, seu grupo familiar e social, ao qual, estão inseridos. Buscou-se neste processo a possibilidade em compreender quem eram aquelas pessoas e seus contextos, para mais tarde, compreender a matriz grupal. Conforme Ribeiro (1993) a matriz grupal é um conceito compreendido para expressar uma realidade invisível, porém atuante, sendo ela um constructo e um processo ao mesmo tempo, a matriz grupal está em constante mudança e essas podem ser oriundas de acontecimentos internos como externos. Através das vivências de cada paciente é possível ter conhecimento frente as experiências e também limitações. Os encontros foram quinzenais, iniciavam com a recepção e verificação das atividades semanais dos pacientes. Mesmo que pensadas e articuladas previamente as tarefas, as falas iniciais traziam questões importantes da subjetividade dos sujeitos, servindo também como indicativo de trabalho. Ribeiro (1993) destaca

que o grupo é como uma rede, como uma teia de aranha, onde cada elemento funciona como um ponto nodal independente, mas psicodinamicamente interligado, agindo como um subsistema, onde cada um afeta o outro e é afetado pelo conjunto, criando uma matriz operacional.

Realizaram-se atividades de criação de mandalas com sementes, elaboração de cartazes com recortes de figuras de revistas/jornais, vídeos motivacionais, atividades físicas de alongamento, criação de porta-retratos com material reciclado, dinâmicas a assuntos de interesse do grupo e também passeios a locais públicos, proporcionando ao grupo momentos de lazer e conhecimento.

As várias atividades permitiram perceber cada sujeito em sua individualidade, onde alguns destacaram-se por sua liderança, criatividade, empatia e cooperação podendo também visualizar algumas resistências e traços da personalidade que os compõem, como por exemplo, a timidez. As tarefas desenvolvidas foram pensadas a partir do desenvolvimento do grupo, ou alguma necessidade momentânea que se percebia em conjunto com eles. Ao decorrer das atividades evidenciou-se muito a questão da falta de identidade por parte dos alunos, muitas incertezas e a necessidade de auto avaliação. Nesse ponto pode-se perceber o quão este público está limitado na sociedade que transita, necessitando a todo momento uma avaliação do que se está fazendo (certo ou errado). Podemos exemplificar, usando o trabalho da criação da mandala, onde em grupos de 3(três) a 5(cinco) participantes, o próprio grupo deveria fazer sua organização, utilizando sementes e demais materiais diversos que usariam para criá-la, e a todo momento alguém perguntava: “Está bom assim?” “Está certo?” Falas como essas nos possibilitam perceber a insegurança deles diante atividades diferentes ao que estão “acostumados” a fazer.

Durante a prática do estágio realizou-se atividades externas, com visitas e dinâmicas em locais públicos, como a prefeitura municipal, biblioteca pública, museu e também na praça. As ricas experiências dos passeios apontaram a possibilidade de explorar mais este recurso, uma vez que muitos integrantes do grupo nunca haviam visitado esses locais, atribuindo como fator as suas limitações ou dificuldade da família em deixar de lado suas tarefas para realizar passeios diferentes. O lazer engloba atividades que possibilitam e estimulam o sujeito na recuperação do seu processo lúdico além de serem canais para a transformação cultural e moral (Mello, 2003; citado em Mazzota e D’Antino, 2011).

A importância de proporcionar ao grupo momentos de lazer, levando-os a explorar/conhecer locais públicos mostra a eles as possibilidades de socialização, onde eles devem inserir-se ao meio social sem medo. Touraine (1998) citado em Mazzota e D’Antino (2011), afirma que primeiramente o sujeito não pode se afirmar como tal, sem reconhecer o outro como sujeito, livrando-se do medo do outro, que leva a sua exclusão. A proximidade da pessoa com deficiência no meio social possibilita a quebra do medo nos relacionamentos interpessoais e oportuniza a afirmação do outro enquanto sujeito pertencente desse meio (MAZZOTA & D’ANTINO, 2011).

A produção das mandalas foi uma das atividades que o grupo mais “adotou” e por isso ela foi feita em dois momentos: No início do grupo e no final do estágio com o encerramento

das atividades. O objetivo de realizar a atividade em uma segunda etapa foi para que pudessem observar e mostrar a eles mesmos sua evolução pessoal e o desenvolvimento grupal. Assim, observou-se neste segundo momento a organização. De forma independente conseguiram organizar-se sem necessidade de intervenção ou apoio. Utilizara-se da própria criatividade e trabalharam de forma grupal: uns auxiliando outros diante das atividades previamente atribuídas em pequenos grupos. Com isso, o andamento da atividade evidenciou uma produtividade não vista na primeira experiência.

Ao final de cada atividade sempre realizava-se um momento para o *feedback*, visto que esse é de extrema importância para dar “voz” e ouvir os indivíduos frente as atividades. Foi surpreendente perceber como o novo proporciona insegurança, mas também engrandece o conhecimento de cada um, pois nestes momentos abertos para conversas após as atividades, pôde-se perceber a maneira com que cada um recebe o que lhe é proporcionado e vivencia dentro de si a experiência.

Sabe-se que o desenvolvimento em pessoas deficientes pode levar um tempo maior do que o exposto em um “cronograma de desenvolvimento”, porém os resultados foram visíveis enquanto sujeito grupais. Para Alves e Duarte (2014) citado em Santos (2015), interação e a participação grupal das pessoas com deficiência devem ser compreendidas pelo grupo, sendo que cada um tem a sua necessidade, e fazer com que se sintam incluídos é mostrar a eles que mesmo estando em grupo e serem todos diferentes uns dos outros, eles consigam realizar as mesmas atividades.

A história das deficiências no Brasil é de muitas reivindicações e ações desenvolvidas pelas organizações dos próprios deficientes que fortaleceram-se para a garantia dos seus direitos e promoção de cidadania fossem-lhes assegurada. A deficiência sempre esteve presente na sociedade, porém atualmente, atentamos do quanto é importante a garantia da inclusão e acessibilidade em qualquer ambiente (social, educacional, cultural etc.) pois elas possibilitam a mobilidade e conseqüente “independência” desse indivíduo, uma vez que a deficiência dele pode aumentar ou diminuir, dependendo do ambiente que está.

Battestin, Furini e Rigo (2016), destacam para a forma com que a pessoa deficiente foi acolhida na promoção de políticas públicas educacionais, mas que não basta somente haver leis, pois as mesmas devem ser cumpridas e (re)avaliadas para que durante a prática elas sejam realmente efetivadas. Contudo, deve ser levado em conta a individualidade do sujeito, respeitando a suas limitações, porém não deixar de provocar nele as potencialidades, para que assim ele perceba do quanto é capaz de realizar as mais diversas atividades.

Historicamente pessoas que apresentam diferenças acentuadas, são alvos de diversos tipos de violências simbólicas, assim como exprime as relações simbólicas que constitui a cultura em um amplo sentido quanto ao conjunto de ideias e práticas produzidas por grupos no meio social (MAZZOTA & D’ANTINO, 2011). Desta forma, contempla-se essas considerações quanto a participação social das pessoas deficientes, onde ações sociais e culturais produzem impactos positivos no processo de inclusão, potencializando a produção (MAZZOTA & D’ANTINO, 2011).

O preconceito herdado da sociedade contemporânea frente as propostas humanistas “respinga” no século XXI cargas significativas de preconceito e rejeições, pois conforme Amaral (1995) citado em Rosa (2003) “a deficiência jamais passa em “branca nuvens”, muito pelo contrário: ameaça, desorganiza, mobiliza. Representa aquilo que foge ao esperado, ao simétrico, ao belo, ao eficiente, ao perfeito”. Ao considerar o referido trecho, relacionamos a teoria de *rotulação* descrita por Becker (1996) citado em Rosa (2003) onde entende-se que a sociedade necessita de participações efetivas, através de ações coletivas, consequentemente estabelecem regras e padrões de normalidade que ao serem quebradas definem o “desviante”. A deficiência assim, pode ser compreendida como um fenômeno que causa incapacidade de exercer tarefas, competências e comportamentos iguais aos esperados de outros indivíduos que não tem deficiência (ROSA, 2003).

No grupo observou-se as relações familiares dos pacientes, sendo essas muito importante para o desenvolvimento e comportamento dos mesmos. A família é o primeiro contato social do indivíduo, é nesse espaço se constroem relações significativas para o desenvolvimento principalmente se tratando de crianças deficientes, esse ambiente deve propiciar o desenvolvimento e crescimento (SILVA & DESSEN, 2001). A relação familiar é a representação mais complexa e de ação profunda na construção da personalidade humana, onde se recebe uma enorme carga emocional das relações entre seus membros (REY & MARTINEZ; SILVA & DESSEN, 2001).

A família além da importância para a construção do laço sócio afetivo para o indivíduo, tem um significativo papel na estimulação precoce, essencialmente na criança com deficiência. A estimulação precoce tem como princípio fatores que intervém no desenvolvimento infantil, sendo esse um processo realizado entre equipe multidisciplinar e a família (PERIN, 2010). A autora também atribui os pais como sendo co-terapeutas, pois a estimulação deve ser constante, para que assim se desenvolva e potencialize o desenvolvimento de habilidades intelectuais, físicas e afetivas, através de exercícios, jogos, atividades e técnicas (PERIN, 2010).

Perin (2010) destaca a atuação do Psicólogo junto a equipe para dar suporte e acompanhamento psicológico da família das crianças, e apoio aos aspectos do desenvolvimento afetivo, emocional e da estruturação da personalidade.

### ***Resultados***

No período de 6 (seis) meses notou-se a melhora no desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas, a organização espacial e autonomia. Resultado esse do próprio desenvolvimento grupal, por tratar-se de um grupo composto por pessoas com diferentes deficiências exigiu que todas as atividades propostas fossem inclusivas, onde indiferente da deficiência, todos eles pudessem sentir-se incluídos ao grupo, praticando assim a inclusão de todos.

Na perspectiva de se sentirem incluídos, com data, horário e condições físicas destinadas só para eles, percebeu-se a motivação em participar. Do lugar de invisíveis ou ainda de

“escondidos” em casa, por se saberem e sentirem diferentes, veio uma motivação, uma autorização a participar, de ocupar os lugares públicos como a praça, a biblioteca, a prefeitura, além da Unidade de Saúde.

Outro resultado foi a contribuição para a ampliação das relações interpessoais, uma vez que muitas das pessoas do grupo, tinham uma situação de isolamento social, limitando-se ao convívio familiar ou da Apae. No grupo surgiram relações de amizade e apoio mútuo destes encontros. Ao final, a socialização promovida pelos encontros, os motivou a seguir se reunindo, independente do término ou não do projeto. Neste sentido, evidenciou-se a construção de autonomia, rompendo a fronteira da família e escola.

### *Considerações finais*

Considera-se a experiência exitosa, para Salante (2016), profissionais da área da Psicologia devem saber ouvir e qualificar os sofrimentos humanos, e que para melhor contribuição ao meio social devem antes conhecer a si mesmos para que questões próprias e individuais não atrapalhem o seu fazer Psi. Conhecer a si para lidar com as questões do outro, assim torna-se possível contribuir para uma sociedade mais saudável.

Rosa (2003) destaca que a atuação do Psicólogo com deficientes deve ser analisada sob diversos enfoques, levando em consideração que a causa das deficiências engloba diversos fatores, que podem ser de origem biológica, social e psicológica podendo interferir no comportamento do indivíduo, seja ele deficiente ou não.

Considera-se a relevância do poder do poder público diante do processo de inclusão. Através desse apoio o trabalho realizado junto ao projeto “Caminho Suave” promoveu o protagonismo responsável e possibilitou a experiência e o aprendizado na compreensão prática da atuação do profissional da Psicologia, embasada no Humanismo. Diante do processo terapêutico do grupo com pessoas deficientes, a atuação exige qualidade, precisão, respeito e comprometimento ético.

Considera-se ainda, que ao visar a inclusão dos indivíduos, é fundamental respeitar os limites de cada um, para isso, foi necessário conhecer previamente o funcionamento dos mesmos. E por fim, para a realização exitosa de protagonismo e formação para a responsabilidade, evita-se assistencialismos. Vidor (2014, p. 70) diz: “Talvez o modo de reverter a situação individual ou social de decadência da vida está em recuperar o critério de natureza, o modo como a vida intenciona manter-se e crescer.

Não se trata de pretender uma reforma social, e sim de revisar o próprio Eu consciente de cada um e examinar se o modo de pensar coincide com o próprio projeto de vida a ser construído. A sociedade só resolve sua degradação se cada um começa a se comprometer em descobrir como construir seu valor pessoal”.

Neste sentido, buscou-se apoiar e potencializar cada pessoa para desenvolvimento de si e o enfrentamento saudável das situações que a vida coloca.

### ***Referências bibliográficas***

- BATTESTIN, Cláudia; FURINI, Fernanda; RIGO, Raqueline. Avanços históricos nas políticas de educação especial e inclusão de pessoas como deficiência (PCDs) no Brasil. **Revista de Educación Superior del Sur Global-RESUR**, n. 1, p. 57-71, 2016.
- FERREIRA, Windyz B. **Direitos da pessoa com deficiência e inclusão nas escolas**. 24set/2009. Disponível em: <[http://www.deficienteciente.com.br/2009/09/direitos-da-pessoa-com-deficiencia-e\\_24.html](http://www.deficienteciente.com.br/2009/09/direitos-da-pessoa-com-deficiencia-e_24.html)>.
- FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. Disponível em: <<https://fundacaoam.org.br/congresso/uma-nova-pedagogia-para-a-sociedade-futura-iii-edicao>>.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf)>.
- MAZZOTTA, Marcos José da Silveira; D'ANTINO, Maria Eloísa Famá. Inclusão social de pessoas com deficiências e necessidades especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde e Sociedade**, v. 20, p. 377-389, 2011.
- NUERNBERG, Adriano Henrique. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, 2008.
- OMS – Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>.
- PERIN, Andréa Eugênia. **Estimulação precoce: sinais de alerta e benefícios para o desenvolvimento**. 2010.
- ROSA, Nosimar Ferreira dos Santos. **Psicologia e deficiência: percepção da atuação profissional**.
- SALANTE, Arlete. Gênero e humanismo na formação de alunas de psicologia. **Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura**, p. 490-497, 2016.
- SANTOS, Diego Alves dos. **Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na educação física escolar**. 2015.
- SILVA, Nara Liana Pereira; DESSEN, Maria Auxiliadora. Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 133-141, 2001.
- VIDOR, Alécio. Porque a Ontopsicologia apresenta uma proposta pedagógica nova. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI. **Uma nova pedagogia para uma sociedade futura: princípios práticos**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.